

# IDEALISMO CARTESIANO E QUESTÕES AMAZÔNICAS

## CARTESIAN IDEALISM AND AMAZON ISSUES

Cloves Barbosa<sup>1</sup>

Armando Wilson Tafner Junior<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo trata do idealismo de René Descartes apontando o seu lugar nas teorias filosófico-epistemológicas com as suas consequências gerais e regionais. Descartes iniciou um idealismo mais racional e subjetivista com bases individualistas. A determinação religiosa da vida Descartes o leva dedicar bastante tempo sobre as questões da existência de Deus. O seu idealismo filosófico foi construído com esta preocupação fundamental.

**Palavras-chave:** idealismo de Descartes, ateísmo, religião, filosofia.

**Abstract:** This paper introduces the Descartes' idealism with their locus into the epistemologies with the general and the region. The Descartes' belief to be determine your theorization about God conception. The idealism' Descartes' philosophical has that goal.

**Keywords:** Descartes' idealism, atheism, religion, philosophy.

---

1 Doutor em Ciências Sociais (Política) pela PUC-SP, e, professor Titular da Faculdade da Unifesspa/ICH, Faculdade de Ciências Sociais do Araguaia-Tocantins, e do Mestrado PROFSOCIO - Unifesspa, Marabá. CV: <http://lattes.cnpq.br/3601523254313657>. Contato: [cloves@unifesspa.edu.br](mailto:cloves@unifesspa.edu.br).

2 Doutor em Economia pelo NAEA (Núcleo de Altos Estudos da Amazônia/UFPA), e, professor da Faculdade de Ciências Sociais (ICH) Unifesspa, Marabá, e coordenador/professor do Mestrado PROFSOCIO. Contato: [armandojr@unifesspa.edu.br](mailto:armandojr@unifesspa.edu.br).

## INTRODUÇÃO

René Descartes nasceu em La Haye, na França, como parte de uma Europa conturbada. Ele frequentou o colégio jesuíta de La Flèche, de 1606 a 1614, e, esta vivência formativa o influenciou por toda a vida e obras. Ele se envolveu na chamada guerra dos trinta anos (1618 a 1648, com o tratado de Westfália), em 1618, quando passa pela Holanda, Dinamarca e Alemanha, quando, em 1620, renuncia às atividades militares, voltou a residir na França e visitou a Itália. Conviveu com a ascensão do Cardeal Armand du Plessis (de Richelieu) ao Conselho do Rei, em 1624, do qual tornou-se chefe e morreu em 1642. Ele passou a morar na Holanda a partir de 1628. Galilei foi condenado pela inquisição em 1633. Publicou o Discurso do Método em 1637 e as Meditações em 1641. Ele e Pascal se encontram durante uma viagem à França em 1647. No ano de 1649 passou a morar na Suécia, onde veio a morrer em 1650 (Richelieu, 1996, e Descartes, 2004).

## AS AUTOAPRECIÇÕES DE DESCARTES

### Descartes enquanto humano

Descartes avalia as oscilações do ser humano como um caráter do qual ninguém consegue estar isento conforme a sua antropologia filosófica dual: corpo e alma. “As maiores almas são capazes dos maiores vícios, como também das maiores virtudes, e os que só andam muito devagar podem alcançar bem mais, se continuarem sempre pelo caminho reto, do que aqueles que correm e dele se afastam” (Descartes, 2004a, p. 35). Ele volta-se a si para registrar que esta característica acarreta consequências epistemológicas decorrentes da concepção antropológica. “Pode ocorrer que eu me engane, e talvez não seja mais do que um pouco de cobre e vidro o que eu tomo por ouro e diamantes” (Descartes, 2004a, p. 36). A questão da teologicidade do modo de pensar também desponta com relevância incomum. “As nossas ideias ou noções, por serem coisas reais e oriundas de Deus em tudo em que são evidentes e distintas, só podem por isso ser verdadeiras (Descartes, 2004a, p. 67).

Com esta formulação, a verdade é decorrente de uma elaboração logico-racional. Deus ocupa o centro originário e difusor de tudo o que é entidade (e coisa) real, e, por isso, verdadeira, na filosofia cartesiana.

A moral social está fundamentada em quatro princípios pessoais formulados a partir da própria experiência de vida. O primeiro princípio faz referência à necessidade de prestar obediência às leis e aos costumes do país onde nasceu “mantendo-me na religião na qual Deus me concedera a graça de ser instruído a partir da infância, e conduzindo-me, em tudo o mais, de acordo com as opiniões mais moderadas e as mais distantes do excesso, que fossem comumente aceitas pelos mais sensatos” (Descartes, 2004a, p. 53).

O segundo princípio está na necessidade de “ser o mais firme e decidido possível em minhas ações, e em não seguir menos constantemente do que se fossem muito seguras as opiniões mais duvidosas, sempre que eu me tivesse decido a tanto” (Descartes, 2004a, p. 55). O terceiro princípio se constitui do esforço em “procurar sempre antes vencer a mim próprio do que ao destino, e de antes modificar os meus desejos do que a ordem do mundo; e em geral, a de habituar-me a acreditar que nada existe que esteja completamente em nosso poder, salvo os nossos pensamentos” (Descartes, 2004a, p. 55).

O quarto e último princípio moral está precedido dos procedimentos que fundamentam todas as suas proposições, como: a) ter decidido revistar as ocupações humanas para poder escolher a que fosse melhor para si; b) abster-se da pretensão de dizer algo a respeito das escolhas alheias. Feita a auto localização comportamental no próprio ambiente vivencial Descartes conclui o seu conjunto de princípios morais: “o melhor a dizer seria continuar naquela mesma em que me encontrava, ou seja, utilizar toda a minha existência em cultivar minha razão, e progredir o máximo que pudesse no conhecimento da verdade, de acordo com método que me determinara” (Descartes, 2004a, p. 57). Ele sustenta: “as verdades da fé sempre foram as primeiras na minha crença, julguei que, quanto a todo o restante de minhas opiniões, podia livremente procurar desfazer-me delas” (Descartes, 2004a, p. 58). Assim, num mundo em mudanças havia um aspecto permanente: a crença numa divindade

juntamente com os conteúdos recebidos por ensinamentos em sua formação religiosa constitui-se como algo permanente.

A economia política com os modos de produção de riqueza em instabilidades foi percebida por Descartes com a seguinte reação: “Autômatos, ou máquinas móveis, a indústria dos homens pode produzir, sem aplicar nisso, senão pouquíssimas peças, em comparação à grande quantidade de ossos, músculos, nervos, artérias, veias e outras partes existentes no corpo de cada animal” (Descartes, 2004a, p. 81. Grifos da fonte). Descartes demonstra preocupações superficiais com mudanças tecnológicas sem diminuir o foco nas questões existenciais com baixa caracterização dos períodos históricos. Ele abstém-se de tomar posição social e política, mas, percebe o mundo em movimento, e, procura garantir a presença da divindade de modo pleno, como está mais expressamente formulado no próximo tópico.

## **O contexto social e histórico**

Descartes avalia o contexto vivencial amplo com diversas observações sobre ele. “O nosso século parecia-me tão luminoso e tão fértil em bons espíritos como qualquer um dos anteriores”. A visão iluminista presente entre os filósofos fazia predominar a concepção de que aquele lugar e tempo era a efetivação de uma espécie de apogeu do pensamento humano e vislumbrava a constituição de uma sociedade que se tornava mercantilista e capitalista, o que ele não consegue caracterizar com clareza. Esta era a fundamentação da condição assumida de se achar num ponto histórico do qual podia julgar tudo a partir da individualidade: “Tomar a liberdade de julgar por mim todos os outros e de pensar que não havia doutrina no mundo que fosse tal como antes me haviam feito presumir” (Descartes, 2004a, p. 38). Ele posiciona-se diante da visão predominante quanto a grande questão teórica no mundo de seu tempo. “Aqueles cujo raciocínio é mais ativo e que melhor ordenam seus pensamentos, com o intuito de torna-los claros e inteligíveis, sempre podem convencer os outros daquilo que propõem, mesmo que falem o baixo bretão e nunca hajam apreendido retórica” (Descartes,

2004a, p. 40). Ele observa a existência de uma espécie de menosprezo pelos esforços em elaborar um conhecimento mais elevado com reconhecimento social.

Durante “a guerra dos trinta anos” Descartes foi conduzido à Alemanha onde teve a possibilidade de ficar só e se dedicar às autorreflexões. “Na Alemanha (...), ficava o dia inteiro fechado sozinho num quarto bem aquecido, onde dispunha de todo o tempo para me entreter com meus pensamentos (Descartes, 2004a, p. 43). Este, e outros deslocamentos o permitiram ampliar a compreensão do mundo. “Ao limitar-me a observar os costumes dos outros homens, pouco encontrava que me satisfizesse, pois percebia neles quase tanta diversidade como a que notara anteriormente entre as opiniões dos filósofos (Descartes, 2004a, p. 42).

Descartes contrapunha a situação vivencial da chamada “vida civilizada” com a “vida primitiva”. “Os povos que outrora haviam sido semisselvagens e só pouco a pouco foram se civilizando”. A vida europeia era o local a partir do qual outros povos eram avaliados com o desenvolvimento de uma concepção um pouco processual no tempo: “elaborando suas leis apenas à medida que o desconforto dos crimes e das querelas a tanto os coagiu, não poderiam ser tão bem policiados como aqueles que, desde o instante em que se reuniram, obedeceram às leis de algum prudente legislador” (Descartes, 2004a, p. 44). Esta postura o diferencia da tendência teórica nascente do contratualismo, que supõe a celebração de um contrato (pacto ou aliança) sem grandes aprofundamentos. (Macpherson, 1979). Ele possuía uma conotação mais evolucionista, e, considerava também o conhecimento dos filósofos anteriores ao seu tempo de vida como possuído importância relevante.

### **O objetivo teórico de Descartes**

Descartes garante que não tem a pretensão de ensinar um método a outras pessoas: “Meu propósito não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas somente mostrar de que modo me esforcei por conduzir a minha” (Descartes, 2004a, p. 37). O seu objetivo se limita, a “procurar reformar os próprios pensamentos e construir num terreno”

próprio (Descartes, 2004a, p. 46). Numa época em que o individualismo apresentava suas forças iniciais, Descartes insere-se neste contexto teórico e apresenta o seu método apenas como exemplo da maneira como ele construiu e encaminhou a sua própria razão. Um dos grandes motivos para este procedimento está nas próprias oscilações teóricas. Ele expressa que estava “embaraçado com tantas dúvidas e erros que me parecia não haver conseguido outro proveito, procurando instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais a minha ignorância” (Descartes, 2004a, p. 37).

Este embaraço envolvia, inclusive a teologia à qual havia se dedicado tanto e haver descoberto que ela era desnecessária para a trilhar o caminho que leva à salvação eterna: no céu. “O seu caminho (do céu) não está menos franqueado aos mais ignorantes do que aos mais sábios e que as verdades reveladas que para lá conduzem estão além de nossa inteligência, não me atreveria a submetê-las à debilidade de meus raciocínios”. Os limites racionais impedem os humanos de elaborarem conteúdos relevantes como consequentes das chamadas “verdade reveladas”. E conclui: “para empreender sua análise (das verdades reveladas) e obter êxito, era preciso receber alguma extraordinária assistência do céu e ser mais do que um homem” (Descartes, 2004a, p. 40). Assim, para abarcar conteúdos revelados (divinos), os humanos precisam se tornar seres especiais, isto é, serem conectados e transformados de algum modo pela divindade reveladora dos conteúdos em questão. Descartes avalia as outras ciências como desprovidas de fundamentos sólidos “por tomarem seus princípios da filosofia, acreditam que nada de sólido se podia construir sobre alicerces tão pouco firmes” (Descartes, 2004a, p. 41).

Grande parte dos conteúdos da ciência historicamente constituída foi apreciada por Descartes como pouco distante do senso comum, pois, “não apresentarem demonstrações” e, de haverem sido “compostas e avolumadas devagar com opiniões de muitas e diferentes pessoas” (Descartes, 2004a, p. 44). Assim, ele concebe a diversidade dos conteúdos cientificamente expostos. Os momentos históricos de grandes preocupações dogmáticas e de controle político se associam a uma espécie de existencialismo incipiente num ambiente vivencial com uma espécie de neutralidade diante da maneira como o Estado e a sociedade encontravam-se constituídos. “Convenci-me de que não seria razoável um particular tencionasse reformar um Estado, mudando-o em tudo desde os alicerces e

derrubando-o para em seguida reerguê-lo”. Postura um pouco diversa foi adotada por ele diante dos conteúdos dispostos como ciência. “O melhor a fazer seria dispor-me, de uma vez para sempre, a retirar-lhes essa confiança, pra substituí-las em seguida ou por outras melhores, ou então pelas mesmas, após havê-las ajustado ao nível da razão”. Tanto os princípios quanto os conteúdos científicos herdados são colocados sob suspeita de falsidade e os submete a averiguações, pois, conduziria “a vida de modo melhor buscando a verdade por seus próprios esforços” (Descartes, 2004a, p. 45).

## **O ESFORÇO TEÓRICO CARTESIANO**

### **A constituição de um método**

Descartes adota a primazia da razão para apreciar os objetos de maneira metódica, e, com a maior perfeição possível. “O que mais me satisfazia nesse método era o fato de que, por ele, tinha certeza de usar em tudo minha razão, se não à perfeição, ao menos o melhor que pudesse; ademais, sentia, ao utilizá-lo que meu espírito se habituava pouco a pouco a conceber mais nítida e distintamente seus objetos (Descartes, 2004a, p. 52). Ele anuncia o uso da razão para elaborar um método que habituava o espírito (alma, razão) a conhecer nítida e distintamente os objetos, e, na busca da verdade, submeteu todos os conteúdos e tudo que observava sob suspeita de falsidade, e, assim, “não restaria algo em meu crédito que fosse completamente incontestável” (Descartes, 2004a, p. 61).

As suas buscas de uma certeza absoluta para ser a base das produções teóricas resultaram no conteúdo: “Esta verdade: eu penso, logo existo, era tão sólida e tão correta que as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de lhe causar abalo”. A verdade incontestável assim formulada se tornara provisoriamente “o primeiro princípio da filosofia que eu procurava” (Descartes, 2004a, p. 62. Grifos da fonte).

Descartes não se acomodou nesta formulação filosófica e epistemológica. Ele continuou a sua busca pelo método com melhor formulação do primado da razão.

Ao perceber que nada há no eu penso, logo existo que me dê a certeza de que

digo a verdade, salvo que vejo muito claramente que, para pensar, é preciso existir, concluí que poderia tomar por regra geral que as coisas que concebemos muito clara e distintamente são todas verdadeiras, havendo somente alguma dificuldade em notar bem quais são as que concebemos distintamente (Descartes, 2004a, p. 63. Grifos da fonte).

Diferentemente das afirmações desatentas ao drama subjetivo da filosofia cartesiana, a formulação: “eu penso, logo existo” não aparece como definitivo. Nada há neste conteúdo “que me dê a certeza de que digo a verdade”, pois, a existência do ser precede ao agir racional. Somente pensa quem, antes de tudo, existe. Por este motivo ele formula a regra geral do método assim: “as coisas que concebemos muito clara e distintamente são todas verdadeiras, havendo somente alguma dificuldade em notar bem quais são as que concebemos distintamente” (Descartes, 2004a, p. 63). Mas, a verdade a ser abarcada está na elaboração racional sobre o que é observado. Arquimedes é citado como exemplo de procedimento do conhecimento (científico) num movimento oscilante de um extremo a outro: da razão à coisa observada (Descartes, 2004c, p. 257).

Uma circularidade que parte do racional descobre a necessidade de uma base real (existencial efetiva) para que o “eu penso” possa raciocinar.

Agora, Descartes volta ao conhecimento, e procura desvendar qual é a sua fonte absoluta. “Via claramente que o conhecer é perfeição maior do que duvidar, decidi procurar de onde aprendera a pensar em algo mais perfeito do que eu era”. A busca cartesiana muda de rota. Algo acima, ou maior que o ser humano deve ser a fonte do saber com a perfeição absoluta e inquestionável. E, formula o conteúdo: “descobri, com evidência, que devia ser de alguma natureza que fosse realmente mais perfeita (...), que possuísse todas as perfeições de que eu poderia ter alguma ideia, ou seja, para dizê-lo numa única palavra, que fosse Deus (Descartes, 2004a, p. 63-64).

O caráter fetichista (metafísico, ou teológico) começa a se manifestar como uma necessidade das preocupações cartesianas para constituir uma referência absoluta para as suas elaborações epistemológicas. Se o espírito humano se habitua pouco a pouco com as coisas observadas, ele podia deduzir a necessidade de se referir a um ser estável (imóvel) referencial. “Eu notava que a dúvida,

a inconstância, a tristeza e coisas parecidas não podiam existir nele, porque eu mesmo apreciaria muito ser desprovido delas” (Descartes, 2004a, p. 64). Agora, a circularidade se amplia para além do “eu penso, logo existo” para constituir uma abstração ontológica sem as imperfeições e limitações humanas. A inconstância, as limitações e imperfeições do humano exigiam o estabelecimento de um ponto constante e referencial desprovido de inconstâncias, limitações e imperfeições. Assim, a teologicidade desponta como sustentáculo referencial do humano cognoscente.

### **O eu cartesiano e os objetos**

Descartes reverte aos fornecedores de normas a necessidade de possuírem as habilidades que apontam como destinadas a outras pessoas. “Os que se aventuram a fornecer normas devem considerar-se mais hábeis do que aqueles a quem as dão; e, se falham na menor coisa, são por isso censuráveis” (Descartes, 2004a, p. 37). A recomendação cartesiana é relevante tanto para os comportamentos quanto para a produção científica (filosófica). Por isso, Descartes sustenta que o seu método não estava sendo recomendado senão a si próprio (Descartes, 2004a, p. 37).

Descartes reconhece a possibilidade de os objetos moverem os sentidos observantes em razão das expectativas que os observantes elaboram em si com relação aos objetos. “Os objetos que movem os nossos sentidos (...) em virtude das diferentes maneiras pelas quais podem nos prejudicar ou beneficiar, ou então, ser importantes” (Descartes, 2004b, p. 141-142). A observação dos objetos provoca os sentidos dos que os observam e proporciona, de uma parte, os sentimentos, e, de outra parte, a postura sobre os objetos.

Os sentimentos diante da observação dos objetos podem ser de: admiração; amor; alegria; ciúme; cólera; remoso (Descartes, 2004b, p. 147, 150, 152, e, 159).

As posturas diante da observação do que, para um observante, é um objeto: pode causar as posturas de: orgulho, covardia; vileza; coragem; inveja, fervor, e, arrependimento (Descartes, 2004b, p. 202, 205, 208, 2011-2013, e, 2019).

Estas posturas resultam tanto em virtudes quanto em vícios. “O que ordinariamente denominamos virtudes são hábitos da alma que a predispõem a certos pensamentos, de forma que são diferentes destes pensamentos, mas podem produzi-los e, reciprocamente, ser por eles produzidas” (Descartes, 2004b, p. 205). O predomínio das posturas humanas resulta de oscilações, ora vindos do corpo, ora vindos da alma, o que caracteriza a sua epistemologia (Descartes, 2004b, p. 201). Mas, existem percepções “que dizem respeito apenas à alma” (Descartes, 2004b, p. 120). Entretanto, há “objetos que, ao ocasionar alguns movimentos nos órgãos dos sentidos, os ocasionam também no cérebro mediante os nervos, os quais fazem com que a alma os sinta” (Descartes, 2004b, p. 119). E, “a alma está ligada ao corpo todo” (Descartes, 2004b, p. 123). Mas, há um confronto entre a alma e o corpo. “Existe uma razão especial que impede a alma de poder modificar ou deter rapidamente suas paixões (...), em sua definição, que elas não são apenas causadas, mas também mantidas e fortalecidas por algum movimento especial dos espíritos” (Descartes, 2004b, p. 133). As paixões são determinantes sobre a vontade humana, e, “não podem ser diretamente estimuladas nem eliminadas pela ação de nossa vontade, mas podem sê-lo, indiretamente, pela representação das coisas que costumam estar unidas às paixões que queremos ter, e que são contrárias às que queremos rejeitar” (Descartes, 2004b, p. 132).

O ser humano comporta uma luta interna cujo processo não é plenamente controlado, e, leva a avaliar e “conceber a força ou a fraqueza de sua alma”. Este controle é variável em cada ser humano. “Aqueles em quem a vontade pode, mais facilmente, sobrepujar as paixões e suspender os movimentos do corpo que os acompanham possuem, sem dúvida, as almas mais forte” (Descartes, 2004b, p. 136).

As elaborações teóricas resultam das percepções das coisas ou objetos em circunstâncias que favorecem o uso da razão. “Agora que meu espírito se encontra livre de todas as precauções, e que obtive um descanso garantido por uma tranquila solidão, irei me dedicar com máxima seriedade e plena liberdade a demolir em geral todas as minhas antigas opiniões” (Descartes, 2004c, p. 249). Agora, desponta o predomínio do espírito, e, expressa o propósito central de sua filosofia, que é

submeter o conhecimento que herdou à dúvida para “demolir todas as antigas opiniões”.

## **O conhecimento**

### **O conhecimento em geral**

Descartes pondera que o conhecimento pode não ser altamente relevante, pois, a filosofia está sendo produzida de modo medíocre. A comodidade deste modo de filosofar se caracteriza pela “falta de clareza das distinções e dos princípios que se utilizam”, o que possibilita que a mediocridade faz com que o sujeito cognoscente se torne pessoa competente para “falar de todas as coisas tão ousadamente como se as conhecessem, e sustentar tudo o que dizem contra os mais perspicazes e os mais capazes sem que haja meio de persuadi-los” (Descartes, 2004a, p. 94). Esta formulação faz lembrar as divergências entre filósofos e sofistas na Grécia antiga. Contra a arrogância de querer abarcar tudo ele lembra que isto demanda muitas experiências, e, “um único homem não poderia ser suficiente para realiza-las todas” (Descartes, 2004a, p. 95).

Descartes apresenta uma relação entre corpo e alma na produção de conhecimentos dando primazia à alma: a alma é agente de conhecimento, enquanto o corpo é passivo, embora possua movimentos próprios enquanto existente. “O pensamento em nós existente pertence à alma”, entretanto, corpos inanimados “podem mover-se de muitas maneiras diferentes das nossas” (Descartes, 2004b, p. 106-107). Ao destacar o corpo humano ele valoriza os conhecimentos médicos como sendo os mais relevantes. “Se é possível encontrar algum meio que torne comumente os homens mais sábios e mais hábeis do que foram até aqui, creio que é na medicina que se deve procura-lo” (Descartes, 2004a, p. 86). Ele assimila uma tendência coetânea que valoriza a experiência nos procedimentos científicos, para, em seguida, ressaltar a importância da razão. Ele expressa: “percebera a respeito das experiências, que elas são tanto mais necessárias quanto mais avançados estivermos no conhecimento” (Descartes, 2004a, p. 88).

Descartes se apresenta como sendo de relevância menos do que os outros quando se insere

entre os produtores de conhecimento. “A respeito da utilidade que os outros obtiveram da divulgação de meus pensamentos, não poderia ser muito grande, sendo que ainda não os levei tão longe que não seja necessário acrescentar-lhes muitas coisas antes de aplica-los ao uso” (Descartes, 2004a, p. 92-93).

O conhecimento das coisas é apreciado pela metáfora do conhecimento da cera.

Se o conhecimento da cera se afigura mais nítido e mais distinto depois de haver sido descoberto não apenas pela visão ou pelo tato, mas também por muitas outras causas, com quão maior evidência, distinção e nitidez não deverei eu conhecer-me, já que todas as razões que servem pra conhecer e conceber a natureza da cera, ou qualquer outro corpo, demonstram muito mais claramente a natureza de meu espírito? E encontram-se ainda tantas outras coisas no próprio espírito que podem concorrer para esclarecer sua natureza, que aquelas que dependem do corpo (como esta) quase não merecem ser relacionadas (Descartes, 2004c, p. 267-268).

Descartes reconhece que o conhecimento da cera que a razão faz a figuração com o uso dos sentidos (tato, visão ... e, a presença de muitas outras causas que o efetivam), mas, releva a cota-parte do espírito para obter “maior evidência, distinção e nitidez”. Com isso, ele expressa o posicionamento epistemológico pela supremacia da determinação abstrata nas análises dos objetos (coisas) (Descartes, 2004c, p. 267-268).

### **O conhecimento produzido e autoavaliado**

O próprio conhecimento das coisas é concebido como sendo proveniente de uma fonte fora dele. O ambiente religioso o faz ressaltar o caráter “revelado dos conteúdos sagrados ensinados” e, propriamente assumidos por correntes teológicas e relacionar isso a todos os conhecimentos. Pode haver em si próprio “outros conhecimentos que ainda não haja percebido” (Descartes, 2004c, p. 269). A origem é exterior ao ser pensante: “entre as coisas das quais possuo em mim as ideias, há algumas que existem fora de mim” (Descartes, 2004c, p. 275). O processo do conhecimento possui sua via específica. “Imperceptivelmente cheguei aonde queria; porque, por ser coisa atualmente conhecida

por mim que só concebemos os corpos por intermédio da capacidade de compreender que há em nós e não por intermédio da imaginação dos sentidos”. A postura pendular de Descartes continua indo da razão às coisas pelos sentidos, e, destaca a importância da razão diante dos objetos submetidos ao processo cognoscente. Conhecimento dos objetos não se efetiva “pelo fato de os ver ou tocá-los, mas apenas por concebê-los por meio do pensamento, reconheço com clareza que nada existe que me seja mais fácil conhecer do que meu espírito” (Descartes, 2004c, p. 268). Mesmo que ele contraponha realidade e razão, ele se declara um idealista. A acolhida de conteúdos pela razão pode conter erros assimilados indevidamente.

Acolhi e admiti várias coisas como muito certas e patentes, as quais, no entanto, reconheci depois serem duvidosas e incertas. Quais eram essas coisas? Eram a terra, o céu, os astros e todas as outras coisas que percebia por meio dos meus sentidos. Então, o que é que eu concebia clara e distintamente nelas? Com certeza apenas que as ideias ou os pensamentos dessas coisas se apresentavam ao meu espírito (Descartes, 2004c, p. 270).

Descartes fundamenta, sempre que acha necessário, a relevância do procedimento metódico da dúvida, pois, o que, inicialmente parece correto pode conter falsidades. Toda a realidade, e, quaisquer partes dela são ideias que “se apresentam ao espírito” (Descartes, 2004c, p. 270). Ele distingue a procedência destas ideias. Algumas dessas ideias são inatas, outras são de produção própria, e, também que proveem de fora do ser pensante.

Dentre essas ideias, umas se me afiguram ter nascido comigo, outras ser estranhas e vir de fora, e as outras serem feitas e inventadas por mim mesmo. Pois, que eu tenha a capacidade de conceber o que é aquilo que em geral se chama uma coisa ou uma verdade, ou um pensamento, parece-me que não o obtenho em outra parte que não seja em minha própria natureza (Descartes, 2004c, p. 273).

Uma questão que se apresenta aqui é saber se a antropologia filosófica de Descartes é dual com a constituição existencial humana com corpo e alma (Descartes, 2004b, p. 106-107; 2004b, p.

119-121), de uma parte das elaborações, ou a constituição existencial humana é triádica, de outra parte (Descartes, 2004c, p. 267-268, 270, 275).

Se prevalecer a primeira formulação de uma antropologia filosófica, a teorização de Descartes precisa ser avaliada com o termo espírito abstratamente concebido, isto é, uma elaboração racional geral que abarca tudo e a partir de onde tudo passa a ser explicado: uma filosofia que embasa o conhecimento. Ou, de outro modo, o espírito é uma entidade imaterial e supra histórica que pode influenciar as pessoas tanto para a realização de práticas aceitáveis (bem) ou inaceitáveis (para o mal). Se prevalecer a segunda formulação de uma antropologia filosófica cartesiana pode parecer triádica, com corpo, alma e espírito para a constituição existencial humana, a teorização cartesiana precisa ser avaliada como apresentadora de uma novidade em que o espírito é tido como uma parte do ser efetivamente existindo (Descartes, 2004c, p. 275).

De qualquer maneira, todas as ideias precisam estar elaboradas de acordo com o método cartesiano. “No que se refere às ideias claras e distintas que tenho das coisas corporais, existem algumas dentre elas que, parece, pude tirar da ideia que tenho dentro de mim mesmo, como a que tenho da substância, da duração, do número e das outras coisas análogas” O aspecto fundamental cartesiano das ideias disponibilizadas é que elas precisam de tal modo que sejam “claras e distintas”, sejam quaisquer conteúdos expressos, inclusive os teológicos (Descartes, 2004c, p. 280).

## **A TEOLOGICIDADE CARTESIANA**

### **A existência do “eu penso, logo existo” enquanto entidade limitada**

A filosofia cartesiana posiciona a divindade no centro das preocupações pessoais, e, esta característica de conteúdo apresenta implicações vivenciais sobre ele, e, também, sobre suas preocupações epistemológicas, cuja lógica argumentativa está nas elaborações claras e distintas a partir da dúvida metódica. “Faz muito tempo que conservo em meu espírito a opinião de que um Deus existe que tudo pode e por quem fui criado e produzido tal como sou”. A auto reflexão cartesiana tem

a divindade como ponto de partida para fala da própria existência, e, também, de tudo o que existe e pode ser observado. Há uma circularidade argumentativa entre a existência do ser humano com o “penso, logo existo” e a existência de Deus. Ele submete tudo o que observa à dúvida, apesar da constatação sensorial. “Quem me poderá garantir que esse Deus não haja feito com que não exista terra alguma, céu algum, corpo externo algum e que, apesar disso, eu possua os sentimentos de todas essas coisas e que tudo isso não me pareça existir de forma distinta daquela que vejo?” (Descartes, 2004c, p. 253).

Descartes vai ao extremo e expressa a hipótese do ateísmo. “Presumirei, então, que existe não um verdadeiro Deus, que é a suprema fonte da verdade, mas um certo gênio maligno, não menos astucioso e enganador do que poderoso, que dedicou todo o seu empenho em enganar-me”. Com o ponto de partida da teorização estabelecido epistemologicamente, ele passa a considerar o cosmos observado e expresso com uma teologicidade latente. “Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos não passam de ilusões e fraudes que Ele utiliza para surpreender minha credulidade” (Descartes, 2004c, p. 255). Ele oscila entre o empirismo e o racionalismo. Entretanto, esta formulação de conteúdo faz parte da proposição cartesiana de um método. A dúvida epistemológica cartesiana não é, necessariamente, uma dúvida ontológica. A dúvida é um recurso que possibilita a realização de construções teóricas a partir de um início como se pudesse encontrar uma espécie de “tábua rasa” de conteúdos filosóficos (científicos) na atualidade. A epistemologia da dúvida resultou na certeza da existência humana limitada e imperfeita, de onde, por sua vez, Descartes tipifica a ontologicidade perfeita, onisciência, e onipresença de referência central, onde o processo argumentativo da dúvida reúne, e que não possui as imperfeições humanas. As conexões argumentativas cartesianas antecipam as preocupações de Georges Berkeley quanto a relação entre materialismo e ateísmo (Berkeley, 2025).

Agora, Descartes formula outra questão: até onde a dúvida permanece? Deus surge nesta busca com a dúvida absoluta e total. “Não existe nenhuma outra coisa diferente das que acabo de considerar incertas, da qual não se possa ter a menor dúvida? Não existirá algum Deus, ou alguma

potência, que me infunda tais pensamentos no espírito?”. A teorização é continuada tendo a certeza de si mesmo a partir da própria ontologicidade física e localmente limitada, com possibilidade de enganos (Descartes, 2004c, p. 258).

Existe alguém enganador muito poderoso e astuto, que dedica todo o seu empenho em enganar-me sempre. Não há, então, dúvida alguma de que existo, se ele me engana; e, por mais que me engane, nunca poderá fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De maneira que, depois de haver pensado bastante nisto e analisar cuidadosamente todas as coisas, se faz necessário concluir e ter por inabalável que esta proposição, eu sou, eu existo, é obrigatoriamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito (Descartes, 2004c, p. 258. Grifos da fonte).

A formulação “eu sou, logo existo” embasou a existencia do ego e a sua capacidade de formular pensamentos. Mas, o ego não podia se tornar a referência absoluta em razão das limitações inerentes ao humano comprovadamente existente, pois, está suscetível de cometer enganos. “O que, então, supunha eu ser até aqui? Sem dificuldade, pensei que era um homem. Mas o que é um homem? Direi que é um animal racional? Com certeza, não: já que seria preciso em seguida pesquisar o que é animal e o que é racional” (Descartes, 2004c, p. 259). O conteúdo lógico do “eu penso, logo existo” não garante a veracidade dos resultados teóricos e comportamentais provenientes da racionalidade.

### **Deus existe enquanto entidade ilimitada**

Descartes toma a ontologicidade limitada, imperfeita e que pode se enganar para conceber outra existencia ontológica perfeita, onipresente e onisciente de onde tudo emana. Desta necessidade existencial do eu limitado desponta o ser perfeito: Deus. “Pelo nome de Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu próprio e todas as coisas que são (se é verdade que há coisas que existem) foram criados e produzidos” (Descartes, 2004c, p. 281).

O ser “eu penso, eu existo” limitado não pode ser a fonte de tudo que existe.

É necessário obrigatoriamente concluir, de tudo o que foi dito antes, que Deus existe; porque, mesmo que essa ideia da substância esteja em mim, pelo próprio fato de ser eu uma substância, não teria a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse de fato infinita (Descartes, 2004c, p. 281).

A fonte dos conteúdos racionalmente elaborados e consistentes de veracidade é Deus. O ser limitado constata a necessidade de um ser infinito a partir das variações que os sentidos proporcionam tanto as suas elaborações racionais, quanto suas práticas socioculturais e políticas. “A ideia desse ser perfeitíssimo e infinito é totalmente verdadeira; porque, mesmo que talvez se possa fingir que um tal ser não existe, não se pode fingir que sua ideia não me representa nada de real, como afirmei há pouco a respeito da ideia do frio” (Descartes, 2004c, p. 282).

As necessidades existenciais tornam-se o sustentáculo da existência de um ser superior e perfeito na filosofia cartesiana. A compreensão de um ser limitado implicou na projeção das perfeições inexistente no ser limitado em um ser superior: O “eu penso, logo existo” limitado e imperfeito acarreta a existência de um outro existente sem limites e perfeito. “A ideia de uma das perfeições que atribuo a Deus, e de outra a ideia de alguma outra, de maneira que todas essas perfeições se encontram na verdade em alguma parte do Universo, mas não se acham todas juntas e reunidas em uma só que seja Deus” (Descartes, 2004c, p. 287). A fonte infinita leva o finito a se mover em superação de si. “Pode ser também que eu seja algo mais do que imagino ser e que todas as perfeições que atribuo à natureza de um Deus estejam de algum modo em mim potencialmente, apesar de ainda não se produzirem e não fazerem surgir suas ações” (Descartes, 2004c, p. 283).

O ser perfeito impulsiona a sua criatura para a busca da perfeição e do conhecimento mais aprimorado. “De fato, já percebo que meu conhecimento se amplia e se aperfeiçoa pouco a pouco e nada vejo que o possa impedir de se ampliar cada vez mais até o infinito” (Descartes, 2004c, p. 283). Não há limites para o conhecimento, pois, a sua fonte transmissora é infinita. “Não se deve considerar

estranho que Deus ao me criar, tenha colocado em mim esta ideia para ser como a marca do operário impressa em sua obra; e não é também preciso que essa marca seja algo diferente da própria obra” (Descartes, 2004c, p. 288). O ser divino determina a existência do ser humano.

## **A divindade e o ego**

### **A centralidade da divindade**

A filosofia cartesiana idealiza tanto o ser humano que o conduz aos níveis mais abstratos que pode elaborar.

O espírito humano, enquanto é uma coisa pensante e não extensa, em comprimento, largura e profundidade, e que não participa de nada que faz parte do corpo, é incomparavelmente mais clara do que a ideia de qualquer coisa corporal. E quando considero que duvido, ou seja, que sou uma coisa incompleta e dependente, a ideia de um ser completo e independente, isto é, de Deus, apresenta-se a meu espírito com igual distinção (Descartes, 2004c, p. 291).

A projeção dos aspectos compostos de conteúdos tipificados como sendo perfeitos e infinitos a partir dos conteúdos imperfeitos e finitos faz Descartes levar o seu idealismo ao ponto mais extremo que ele conseguiu efetivar. Ele formulou a noção de que “o espírito humano, enquanto coisa pensante e não extensa, que não participa de nada que faz parte do corpo, é incomparavelmente mais clara do que a ideia de qualquer coisa corporal” (Descartes, 2004c, p. 291).

O princípio epistemológico da clareza e distinção entre as ideias permanece constante nas formulações cartesianas. Entretanto, como os equívocos surgem? “O equívoco não é algo real, que dependa de Deus, mas somente uma carência; e, então, para me equivocar, não preciso de algum poder que me tenha sido dado por Deus especificamente para esse efeito”. A formulação exclui a divindade das responsabilidades pelos equívocos humanos. “Eu me equivoco porque o poder que Deus me deu para discernir o verdadeiro do falso não é infinito em mim” (Descartes, 2004c, p. 293).

As relações entre o ser divino, infinito, onipresente, onisciente e o ser humano, finito,

localmente centrado, e com capacidade racional limitada faz com que Deus se torne a substância máxima de referência para as substâncias cósmicas. “Não devo me admirar se minha inteligência não tiver a capacidade de compreender por que Deus faz o que faz e que não tenho motivo algum de duvidar de Sua existência (...). É necessário admitir a incorreção e a debilidade de nossa natureza”. As formulações cartesianas constituem um dos fundamentos epistemológicos que se conhece como teologia negativa (Descartes, 2004c, p. 293-294 e 334).

### **O corpo e o espírito**

O espírito e o corpo se distinguem tanto pela consistência substancial de cada uma destas entidades quanto pelas atuações diversas.

Por corpo entendo tudo o que pode ser limitado por alguma figura; que pode ser compreendido em qualquer lugar e preencher um espaço de tal maneira que todo outro corpo seja excluído dele; que pode ser sentido ou pelo tato, ou pela visão, ou pela audição, ou pelo olfato; que pode ser movido de muitos modos, não por si mesmo, mas por algo de alheio pelo qual seja tocado e do qual receba a impressão (Descartes, 2004c, p. 260).

A formulação do que teórica que expressa o que é um corpo se insere nas discussões e teorizações filosóficas anteriores, toma-o como existente entre outros corpos (substâncias, entidades), e o limita a um espaço e tempo onde pode ser observado e submetido a procedimento racionais avaliativos. O ser humano está inserido entre tudo o que existe sem fugir da formulação teórica das preocupações cartesianas.

Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? Durante todo o tempo em que eu penso; pois talvez poderia acontecer que, se eu parasse de pensar, ao mesmo tempo pararia de ser ou de existir. Nada admito agora que não seja obrigatoriamente verdadeiro: nada sou, então, a não ser uma coisa que pensa, ou seja, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são palavras cujo significado me era anteriormente desconhecido (...). Estimularei ainda minha

imaginação para procurar saber se não sou algo mais. Eu não sou esse conjunto de membros que denomina corpo humano; não sou um ar tênue e penetrante disseminado por todos esses membros; não sou um vento, um sopro, um vapor, nem algo que posso fingir e imaginar, visto que presumi que tudo isso não era nada e que, sem modificar essa hipótese, verifico que não deixo de estar certo de que sou alguma coisa (Descartes, 2004c, p. 261. Grifos da fonte).

A formulação epistemológica da dúvida volta-se novamente ao “eu sou, logo existo” para considera-lo como um corpo limitado no tempo e no espaço. Agora, a busca da verdade se volta a ter referências à realidade, ou seja, a uma entidade (substância) racionalmente figurada em elaborações que consegue produzir. O corpo faz parte de uma constituição (uma coisa) pensante. “O que eu sou então? uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente. Com certeza não é pouco se todas essas coisas pertencem à minha natureza” (Descartes, 2004c, p. 262).

O ser que pensa existe entre seres (entes, substâncias) que tanto podem possuir a capacidade de pensar, quanto não possuem esta capacidade.

Que direi desse espírito, ou seja, de mim mesmo? Porque até aqui não admiti em mim nada que não seja espírito. Que falarei de mim, que pareço compreender com tanta nitidez e distinção este pedaço de cera? Não me reconheço não apenas com muito mais verdade e certeza, mas também com muito maior distinção e nitidez? Porque, se julgo que a cera é ou existe pelo fato de eu vê-la, sem dúvida resulta muito mais evidentemente que eu mesmo sou, ou que existo pelo fato de vê-la. Porque pode ocorrer que aquilo que eu vejo não seja realmente cera; pode também suceder que eu não possua olhos para ver coisa alguma; mas não pode acontecer, quando vejo ou (coisa que não distingo mais quando penso ver, que eu, que penso, não seja alguma coisa. De igual maneira, se julgo que a cera existe, pelo fato de que a toco, resultará também a mesma coisa, isto é, que eu sou; e se o julgo porque minha imaginação me convence disso, ou por qualquer outra razão que seja, inferirei sempre a mesma coisa. E o que percebi aqui acerca da cera pode aplicar-se a todas as outras coisas que se situam fora de mim (Descartes, 2004c, p. 267).

Descartes formula o conteúdo definitivo de sua filosofia sobre o “eu penso, logo existo” e possui capacidade de pensar (duvidar de tudo), relacionando o corpo e o espírito. Agora, o espírito

não é mais um conjunto de conteúdos filosoficamente elaboradas e consolidados que determinam as produções teóricas dos seres pensantes, mas, está como parte constitutivas do ser humano (racional). “Existe muita diferença entre espírito e corpo, pelo fato de ser o corpo, por natureza, sempre divisível e o espírito, totalmente indivisível” (Descartes, 2004c, p. 329). O termo espírito passa a ser empregado com uma das conotações antropológico-filosóficas, com a significação de sinônimo de alma. Tanto espírito quanto alma significam uma parte imaterial que coexiste no mundo enquanto o corpo viver. O ser humano existe como um conjunto de frações reunidas num corpo que, por sua vez, se encontra associado a um espírito. Agora, espírito é uma parte constitutiva do “eu penso, logo existo”, sem ficar preso aos limites do tempo e do espaço.

## **ASPECTOS AMAZÔNICOS E O IDEALISMO EGOCENTRADO**

### **Aspecto filosóficos e teológicos gerais**

A filosofia cartesiana possui algumas influências sobre as concepções do humano e da divindade entre diversos povos e habitantes de partes da Amazônia brasileira. Estas influências são provenientes da colonização, principalmente, portuguesa que difundiu o cristianismo em sua versão católica na região, como foi em todo o Brasil.

O catolicismo popular sempre esteve dominado pelas difusões catequéticas, inicialmente exercidas pelos padres da congregação denominada Companhia de Jesus, ou seja, o conjunto dos jesuítas. Por este motivo, as elaborações teóricas provenientes dos jesuítas eram difundidas com o aval da coroa portuguesa, embora com a presença de alguns atritos localizados e que às vezes, alcançavam repercussões generalizadas.

As questões doutrinárias não apresentavam grandes divergências, como a antropologia dual (corpo e alma) sem assimilar claramente a discussão cartesiana, pois, isto não se fazia necessário. As influências dos jesuítas foram bastante consistentes sobre a hierarquia maior da Igreja Católica na confirmação de doutrinas em debates, com as divergências diante da reforma de Lutero e as suas

difusões pelo mundo. As doutrinas trazidas pelos missionários encontraram resistências tanto dos africanos e afrodescendentes quanto dos índios. As resistências eram tanto veladas, quanto expostas, resultando nas fusões de crenças e práticas religiosas sincretistas como: umbanda, candomblé entre os afrodescendentes (Azzi, 1987).

## **Aspectos sociais e econômicos**

### **Contribuições jesuíticas para a reprodução da ordem colonial escravista**

As influências dos jesuítas também foram notáveis na sustentação da legitimidade da escravização dos povos africanos trazidos ao Brasil. O padre Manuel Ribeiro da Rocha se destacou na justificação da prática da escravização africana. O benefício para os escravizados era a oportunidade que dispunham para salva as suas almas (ROCHA, 1992)

### **Contribuições jesuíticas para a emancipação indígena**

A diversas populações chamadas “indígenas” no Brasil ainda possuem e exercem práticas rituais que as teorizações herdadas da Europa denominam “religião”. A colonização procurou impor as denominações religiosas trazidas consigo. Uma consequência foi a formação de sincretismos religiosos e culturais pelos afrodescendentes. Várias tribos indígenas vivenciam práticas menos conhecidas como o culto aos espíritos da floresta, e o encantamento das pessoas que morrem e passam a ser uma referência para a tribo, especialmente por não estarem mais submetidas aos limites e perseguições provenientes de interesses pelo domínio e uso da terra com interesses não locais e com características de dominação e de exploração de classe. As missões dos jesuítas tomaram posições favoráveis aos indígenas que se reuniam produtivamente de maneira bastante autônomas diferentemente do projeto do Marquês de Pombal. Isto resultou na expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759 (Calazans Falcon, 1993, 379-380).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia cartesiana se inseriu profundamente no dualismo contemporâneo e não conseguiu apontar os limites do idealismo de seu tempo. Descartes elaborou um idealismo que tem o ego como ponto partida e tudo passa a se desenvolver a partir dele. O seu ponto máximo é o próprio ego projetado sem os limites e imperfeições num outro ser com todas as perfeições sem limites: Deus.

O conhecimento também possui o ego como ponto de partida para produzir as avaliações de tudo quanto é entidade. A racionalidade submete-se a um espírito que comanda as elaborações teóricas que se tornam efetivas por uma razão, e por isso, tudo apresenta-se como resultado de um processo egocentrado.

## REFERÊNCIAS

AZZI, R, A cristandade colonial: um projeto autoritário. História do pensamento católico no Brasil. Vol. I. São Paulo: Paulinas, 1987.

BERKELEY, G. “Tratado sobre os princípios do conhecimento humano”. In. IDEM. Tratado sobre os princípios do conhecimento humano, e Três diálogos entre Hilas e Filonous em oposição aos céticos e ateus. São Paulo: Nova Cultural, 2025, p. 9-89.

CALAZANS FALCON, F. J. A época pombalina. Política econômica e monarquia ilustrada. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1993.

DESCARTES, R. “Discurso do método”. In. Idem. Descartes. São Paulo: Nova Cultural, 2004a, p. 33-100.

\_\_\_\_. “As paixões da alma”. In. Idem. Descartes. São Paulo: Nova Cultural, 2004b, p. 101-232.

\_\_\_\_. “Meditações”. In. Idem. Descartes. São Paulo: Nova Cultural, 2004c, p. 233-334.

MACPHERSON, C. B. Teoria política do individualismo possessivo de Hobbes até Locke. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ROCHA, M. R. Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado: discurso teológico-jurídico sobre a libertação dos escravos no Brasil de 1758. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Cehila, 1992.

RICHELIEU, A. de. Testamento político. São Paulo: EDIPRO, 1996.